

A caça às bruxas e o medo do poder das mulheres*

Ela está em pé, sozinha, ao pôr do sol, em um espaço vazio, segurando uma meada de fio azul que serpenteia ao redor dela até envolver um conjunto de casas que, assim, parecem quase uma extensão de seu corpo. *Trazando el camino* (1990) está entre as muitas pinturas que Rodolfo Morales, um dos melhores artistas do México no século XX, dedicou ao principal tema de sua obra: o corpo feminino como material e tecido social que mantêm a comunidade unida. A pintura de Morales é um contraponto à imagem da bruxa, como se, com seu olhar calmo e seu avental bordado, a mulher que a tela representa parecesse quase angelical. Ainda assim, algo mágico e sigiloso em relação a ela evoca a “conspiração” feminina que cobriu a Europa de sangue entre os séculos XV e XVIII, talvez oferecendo uma pista para alguns dos mistérios no centro dessa perseguição que historiadores e historiadoras ainda precisam solucionar.

* Versão revista de artigo originalmente publicado em *Documenta 13: The Book of Books* (Kassel, Hatje Cantz, 2012).

Por que as caças às bruxas foram dirigidas principalmente contra as mulheres? Como se explica que, ao longo de três séculos, milhares de mulheres se tornaram a personificação do “inimigo no meio de nós” e do mal absoluto? E como conciliar o retrato que inquisidores e demonólogos pintavam de suas vítimas como todo-poderosas, quase míticas – criaturas do inferno, terroristas, devoradoras de homens, servas do diabo que, enlouquecidas, percorriam os céus em cabos de vassoura –, com as figuras indefesas das mulheres reais que eram acusadas desses crimes e, então, terrivelmente torturadas e queimadas em fogueiras?

62

Uma resposta inicial a essa pergunta reconstitui a perseguição às “bruxas” desde os deslocamentos causados pelo desenvolvimento do capitalismo, em especial a desintegração das formas comunais de agricultura que predominavam na Europa feudal e a pauperização a que a ascensão da economia monetária e a expropriação de terras lançaram amplos setores das populações rurais e urbanas. Segundo essa teoria, as mulheres tiveram maior probabilidade de ser vitimizadas porque foram as mais “destituídas de poder” por essas mudanças, em especial as mais velhas, que, muitas vezes, se rebelavam contra a pauperização e a exclusão social e que constituíam a maioria das acusadas. Em outras palavras, as mulheres foram acusadas de bruxaria porque a reestruturação da Europa rural no início do capitalismo destruiu seus meios de sobrevivência e a base de seu poder social, deixando-as sem nenhum recurso além da dependência da caridade de quem estava em melhores condições. Isso em uma época de desintegração dos laços comunais e de cristalização de uma nova moralidade – que criminalizava o ato de pedir esmolas e desprezava a caridade, que no mundo medieval fora um caminho conhecido para a salvação eterna.

Essa teoria, expressa pela primeira vez por Alan Macfarlane em *Witchcraft in Tudor and Stuart England* [Bruxaria na Inglaterra dos Tudor e dos Stuart] (1970), certamente se aplica a muitos dos julgamentos de bruxas. Há, sem dúvida, uma relação direta entre vários casos de caça às bruxas e o processo dos “cercamentos”, como demonstram a composição social dos grupos acusados, as acusações feitas contra eles e a caracterização comum da bruxa como mulher pobre e idosa que vivia sozinha, dependia de doações da vizinhança, ressentia-se amargamente de sua marginalização e, muitas vezes, ameaçava e amaldiçoava quem se recusava a ajudá-la e inevitavelmente a acusava de ser responsável por seus infortúnios. Essa descrição, entretanto, não explica como aquelas criaturas miseráveis inspiravam tanto medo. Também não justifica o fato de tantas entre as acusadas serem denunciadas por transgressões sexuais e crimes reprodutivos (como cometer infanticídio e causar impotência masculina); entre as condenadas, havia mulheres que tinham atingido certo grau de poder na comunidade trabalhando como curandeiras tradicionais e parteiras ou operando práticas mágicas, como localização de objetos perdidos e adivinhação.

Além da resistência à pauperização e à marginalização social, que ameaças as “bruxas” representavam aos olhos de quem planejava exterminá-las? Responder a essa pergunta exige que retomemos não apenas os conflitos sociais gerados pelo desenvolvimento do capitalismo, mas a transformação radical que isso causou em todos os aspectos da vida social, a começar pelas relações reprodutivas/de gênero que caracterizaram o mundo medieval.

O capitalismo nasceu de estratégias que a elite feudal – a Igreja e as classes proprietárias de terras e comerciantes – implementou

em resposta às lutas do proletariado rural e urbano que, por volta do século XIV, colocou seu domínio em crise. Foi uma “contrarrevolução” não apenas sufocando com sangue as novas demandas por liberdade, mas virando o mundo de cabeça para baixo com a criação de um sistema de produção que exigia uma concepção diferente de trabalho, riqueza e valor que fosse útil às formas mais intensas de exploração. Desse modo, a classe capitalista foi, desde os primórdios, confrontada com um duplo desafio. Por um lado, teve de derrotar a ameaça representada pela plebe expropriada transformada em populações errantes, pedintes e trabalhadoras e trabalhadores sem-terra, prontos para se revoltarem contra as novas classes proprietárias, ainda mais no período entre 1550 e 1650, quando a inflação causada pela chegada do ouro e da prata provenientes do Novo Mundo “acelerava a um ritmo incontrolável”, levando o preço dos alimentos às alturas enquanto, comparativamente, os salários diminuía¹. Naquele contexto, a presença, em muitas comunidades camponesas, de mulheres idosas ressentidas de sua condição deplorável, que iam de porta em porta resmungando palavras vingativas, certamente poderia ser temida como criadouro de tramas conspiratórias.

Por outro lado, como modo de produção que postula a “indústria” como principal fonte de acumulação, o capitalismo não podia se consolidar sem forjar um novo indivíduo e uma nova disciplina social que impulsionasse a capacidade produtiva do trabalho.

¹ Julian Cornwall, *Revolt of the Peasantry 1549* (Londres, Routledge & Kegan Paul, 1977), p. 19. Sobre o aumento do preço dos alimentos, ver também Joyce Oldham Appleby, *Economic Thought and Ideology in Seventeenth Century England* (Nova Jersey, Princeton University Press, 1978), p. 27; Alexandra Shepard, “Poverty, Labour and the Language of Social Description in Early Modern England”, *Past Present* 201, n. 1, nov. 2008, p. 51-95.

Isso envolveu uma batalha histórica contra qualquer coisa que impusesse limite à plena exploração da mão de obra braçal, a começar pela rede de relações que ligava os indivíduos ao mundo natural, a outras pessoas e ao próprio corpo. O elemento-chave desse processo foi a destruição da concepção mágica de corpo vigente na Idade Média. Essa concepção atribuía ao corpo poderes que a classe capitalista não conseguia explicar, que eram incompatíveis com a transformação dos trabalhadores e das trabalhadoras em máquinas de trabalho e que podiam até intensificar a resistência das pessoas a esse processo. Eram poderes xamânicos que as sociedades agrícolas pré-capitalistas atribuía a todos, ou a indivíduos específicos, e que, na Europa, sobreviveram apesar de séculos de cristianização – muitas vezes, inclusive, sendo assimilados aos rituais e às crenças do cristianismo.

É nesse contexto que o ataque às mulheres como “bruxas” deve ser situado. Devido a sua relação singular com o processo de reprodução, as mulheres, em muitas sociedades pré-capitalistas, foram reconhecidas por uma compreensão particular dos segredos da natureza, que as capacitava, supostamente, a proporcionar vida e morte e a descobrir as propriedades ocultas das coisas. Praticar magia (na condição de curandeiras, médicas tradicionais, herboristas, parteiras, criadoras de poções de amor) também foi, para muitas mulheres, uma fonte de emprego e, indubitavelmente, uma fonte de poder, embora as expusesse à vingança quando os remédios falhavam.

Esse é um dos motivos pelos quais as mulheres se tornaram os principais alvos da tentativa capitalista de construir uma concepção de mundo mais mecanizada. A “racionalização” do mundo natural – precondição de uma disciplina de trabalho mais organizada

e da revolução científica – passava pela destruição da “bruxa”. Até mesmo as indescritíveis torturas a que as mulheres acusadas foram submetidas adquirem significado diferente se as concebemos como forma de exorcismo contra seus poderes.

Também devemos repensar, nesse contexto, a descrição da sexualidade das mulheres como algo diabólico, a quintessência da “magia” feminina, que é central para a definição de bruxaria. A interpretação clássica desse fenômeno culpa a lascívia sexual do inquisidor e o sadismo nascido de uma vida reprimida e ascética. Contudo, embora a participação de eclesiásticos nas caças às bruxas fosse fundamental para a construção de sua estrutura ideológica, por volta dos séculos XVI e XVII, quando a caça às bruxas foi mais intensa na Europa, a maioria dos julgamentos de bruxas foi conduzida por magistrados leigos, pagos e estabelecidos por governos municipais. Assim, devemos nos perguntar o que a sexualidade feminina representava aos olhos da nova elite capitalista em virtude de seu projeto de reforma social e da instituição de uma disciplina de trabalho mais rigorosa.

Uma resposta preliminar, baseada nas regulações introduzidas na maior parte da Europa ocidental nos séculos XVI e XVII, referentes a sexo, casamento, adultério e procriação, é que a sexualidade feminina foi vista, ao mesmo tempo, como ameaça social e, quando direcionada apropriadamente, como poderosa força econômica. Como os Santos Padres da Igreja católica e os autores dominicanos de *Malleus maleficarum* [Martelo das bruxas] (1486)²,

² Publicado em 1486 pelos dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, que atuaram como inquisidores no sul da Alemanha, *Malleus maleficarum* foi uma das primeiras e mais influentes demonologias, tendo sido reimpresso muitas vezes nos duzentos anos seguintes. Como relata Joseph Klaitz, entre 1481 e 1486, Kramer e Sprenger

a nascente classe capitalista precisou desprezar a sexualidade e o prazer femininos. Eros, atração sexual, sempre foi suspeito aos olhos das elites políticas, visto como força incontrolável. O relato de Platão sobre os efeitos do amor em *O banquete* apresenta uma dimensão ontológica dessa visão. O amor é o grande mágico, o demônio que une céus e terra e torna os seres humanos tão inteiros, tão completos em seu ser, que, uma vez unidos, não podem ser derrotados. Os Santos Padres, que no século IV d. C. foram ao deserto africano para escapar da corrupção da vida urbana e supostamente das tentações de Eros, tiveram de reconhecer seu poder, sendo atormentados por um desejo que só podiam imaginar como inspirado pelo diabo. Desde essa época, a necessidade de proteger a coesão da Igreja como clã masculino, patriarcal, e de impedir que sua propriedade fosse dissipada devido à fraqueza clerical diante do poder feminino levou o clero a retratar o sexo feminino como instrumento do diabo – quanto mais agradável para os olhos, mais mortal para a alma. Esse é o tema central de toda a demonologia, a começar por *Malleus maleficarum*, provavelmente o texto mais misógino já escrito. Fosse católica, protestante ou puritana, a burguesia emergente deu continuidade a essa tradição, mas com uma deformidade, já que a repressão do desejo feminino foi colocada a serviço de objetivos utilitários, como a satisfação das necessidades sexuais dos homens e, mais importante, a geração de mão de obra abundante. Uma vez que seu potencial subversivo foi exorcizado e interditado por meio da caça às bruxas, a

“presidiram quase cinquenta execuções por bruxaria na diocese de Constança”. Joseph Klaitz, *Servants of Satan: The Age of the Witch Hunts* (Bloomington, Indiana University Press, 1985), p. 44.

sexualidade feminina pôde ser recuperada, em um contexto matrimonial e para fins de procriação.

68

Comparada ao enaltecimento cristão da castidade e do ascetismo, a norma sexual instituída pela classe burguesa/capitalista – com a reintegração protestante do sexo na vida matrimonial, como “remédio para a concupiscência”, e o reconhecimento de um papel legítimo para as mulheres na comunidade como esposas e mães – tem sido, muitas vezes, retratada como ruptura com o passado. No entanto, o que o capitalismo reintegrou na esfera do comportamento social aceitável para as mulheres foi uma forma de sexualidade dócil, domesticada, instrumental para a reprodução da força de trabalho e a pacificação da mão de obra. No capitalismo, o sexo só pode existir como força produtiva a serviço da procriação e da regeneração do trabalhador assalariado/masculino e como meio de pacificação e compensação social pela miséria da existência cotidiana. Típica dessa nova moralidade sexual burguesa foi a ordem de Martinho Lutero para que as freiras deixassem os conventos e se casassem, já que o casamento e a produção de uma prole abundante era, na visão dele, a satisfação da vontade de Deus pelas mulheres e sua “vocaçãomáxima”. “Deixem que elas deem à luz até morrerem”, ele aparentemente declarou. “Elas foram criadas para isso.”³ Nenhuma autoridade política ou religiosa do século XVI expressou esse sentimento de maneira tão grosseira quanto Lutero, mas a limitação da sexualidade feminina ao casamento e à procriação, bem como a obediência incondicional da esposa, foram instituídas em todos os países – independentemente do credo religioso – como pilar da

³ Merry Wiesner, “Women’s Response to the Reformation”, em Ronnie Po-Chia Hsia (ed.), *The German People and the Reformation* (Ithaca/Nova York, Cornell University Press, 1988), p. 151.

moralidade social e da estabilidade política. E, de fato, as “bruxas” não foram acusadas com tanta frequência de nenhum crime quanto foram denunciadas por “comportamento libertino”, geralmente associado ao infanticídio e a uma hostilidade inerente em relação à reprodução da vida.

Fora desses parâmetros, fora do casamento, da procriação e do controle masculino/institucional, também para capitalistas, a sexualidade feminina foi historicamente representada como perigo social, ameaça à disciplina do trabalho, poder sobre as outras pessoas e obstáculo à manutenção das hierarquias sociais e às relações de classe. Esse foi o caso no século XVI, quando a conduta e as trocas sexuais entre mulheres e homens entrou em crise e emergiu um novo fenômeno, tanto nas cidades quanto nas áreas rurais, segundo o qual uma mulher não comprometida, morando sozinha, em geral praticava prostituição.

Não é surpresa que a acusação de perversão sexual fosse central nos julgamentos organizados por autoridades leigas, bem como naqueles iniciados e dirigidos pela inquisição. Aí também, sob a fantástica acusação de cópula com o diabo, encontramos o medo de que as mulheres enfeitiçariam os homens com sua “magia”, submetendo-os a seu poder e inspirando neles tanto desejo a ponto de levá-los a esquecer todas as distâncias e as obrigações sociais. Esse foi o caso, de acordo com *Binding Passions* [Amarando paixões] (1993), de Guido Ruggiero, das cortesãs de Veneza no século XVII, que conseguiram se unir em matrimônio com homens da nobreza, mas foram, então, acusadas de ser bruxas.

O medo da sexualidade descontrolada das mulheres explica a popularidade, nas demonologias, do mito de Circe, a lendária feiticeira que, com suas artes mágicas, transformava em animais

os homens que a cobiçavam. E isso também explica as numerosas especulações, pelas mesmas demonologias, referentes ao poder das mulheres de moverem os homens com seus olhos sem tocá-los, simplesmente com a força de seu “charme” e seu “encantamento”. Além disso, o “pacto” que as bruxas foram acusadas de fazer com o diabo, em geral envolvendo uma troca monetária, revela uma preocupação com a habilidade de as mulheres obterem dinheiro dos homens – e isso se faz presente na condenação por prostituição.

Dessa forma, não foram poupados esforços para retratar a sexualidade feminina como algo perigoso para os homens e humilhante para as mulheres, de modo a reprimir seu desejo de usar o próprio corpo para atraí-los. Nunca, ao longo da história, as mulheres foram submetidas a tão grande agressão, organizada internacionalmente, aprovada pelas leis, abençoada pelas religiões. Com base nas evidências mais frágeis, em geral nada além de uma denúncia, milhares foram detidas, desnudadas, tiveram o corpo totalmente depilado e, então, perfurado com longas agulhas por toda parte na busca da “marca do diabo”, em geral na presença de homens – do carrasco aos notáveis e aos sacerdotes da localidade. E isso não representou, de forma alguma, o fim de seus tormentos. As crueldades mais sádicas já inventadas foram infligidas ao corpo da mulher acusada, que serviu de laboratório ideal para o desenvolvimento de uma ciência da dor e da tortura.

Como registrei em *Calibã e a bruxa*, a caça às bruxas instituiu um regime de terror contra todas as mulheres, do qual emergiu um novo modelo de feminilidade a que as mulheres tiveram de se conformar para serem socialmente aceitas durante o desenvolvimento da sociedade capitalista: a feminilidade assexuada, obediente, submissa,

resignada à subordinação ao mundo masculino, aceitando como natural o confinamento a uma esfera de atividades que foram completamente depreciadas no capitalismo.

As mulheres foram aterrorizadas por acusações fantásticas, torturas terríveis e execuções públicas porque seu poder social – um poder que, aos olhos de seus perseguidores, era obviamente significativo, mesmo no caso das mulheres mais velhas – precisava ser destruído. Na verdade, as idosas podiam atrair as mais jovens para seus hábitos perversos e tendiam a transmitir conhecimentos proibidos, como aqueles referentes às plantas indutoras de aborto, e levar adiante a memória coletiva de sua comunidade. Como Robert Muchembled nos lembrou, as idosas eram as que se lembravam das promessas feitas, da fé traída, da extensão da propriedade (especialmente em terras), dos acordos consuetudinários e de quem foi responsável por violá-los⁴. Como o fio azul de *Trazando el camino*, indo de casa em casa, as mulheres idosas disseminavam histórias e segredos, amarrando paixões e entrelaçando acontecimentos passados e presentes. Desse modo, eram uma presença perturbadora, que inspirava medo na elite reformista de modernizadores empenhados em destruir o passado, controlar o comportamento das pessoas até mesmo em sua vida instintual e desfazendo relações e obrigações habituais.

Descrever as contestações terrenas das estruturas de poder que as mulheres realizaram como conspiração demoníaca foi um fenômeno que se repetiu várias vezes na história, inclusive em tempos atuais. A “caça às bruxas” macarthista contra o comunismo e a

⁴ Robert Muchembled, *Culture populaire et culture des élites dans la France moderne (XVe-XVIIIe): Essai* (Paris, Flammarion, 1978).

“guerra contra o terror” recorreram a essa dinâmica. O exagero dos “crimes” a dimensões míticas para justificar punições terríveis é um meio eficaz de aterrorizar a sociedade, isolar as vítimas, desencorajar a resistência e fazer grande parte da população ter medo de se envolver em práticas que, até então, eram consideradas normais.

A bruxa foi a comunista e a terrorista de sua época, quando foi necessário um mecanismo “civilizador” para produzir uma nova “subjetividade” e uma nova divisão sexual do trabalho em que a disciplina capitalista da mão de obra viria a se apoiar. Na Europa, as caças às bruxas foram os meios pelos quais as mulheres se educaram em relação a suas novas obrigações sociais e a maneira pela qual uma grande derrota foi imposta às “classes baixas”, que precisaram aprender sobre o poder do Estado para renunciar a qualquer forma de resistir a ele. Nas fogueiras não estavam apenas os corpos de “bruxas”, destruídos; também estava todo um universo de relações sociais que fora a base do poder social das mulheres e um vasto conhecimento que elas haviam transmitido, de mãe para filha, ao longo de gerações – conhecimento sobre ervas, sobre meios de contracepção ou aborto e sobre quais magias usar para obter o amor dos homens.

Eis o que foi consumido em cada praça de aldeia juntamente com a execução das mulheres acusadas, que eram expostas em seu estado mais abjeto: presas por correntes de ferro e entregues ao fogo. Quando, em nossa imaginação, reproduzimos essa cena milhares de vezes, começamos a compreender o que a caça às bruxas significou para a Europa não apenas quanto às causas, mas também quanto aos efeitos.